

ESPIRITISMO E XAMANISMO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Luis Paulo dos Santos de Castro¹

Resumo

Este artigo pretende discutir a hipótese de o Espiritismo carregar dentro de seu corpo doutrinário/literário vários elementos xamânicos, para isto observa-se a história da formação do Espiritismo no século XIX e sua literatura específica posterior, já no Brasil do século XX de autoria de um dos principais místicos desta doutrina, Chico Xavier. Aborda-se principalmente a cosmologia espírita em comparação com cosmologias indígenas da América do Sul. Vários elementos xamânicos em comum foram detectados e notou-se um forte discurso espírita de afastamento do contexto cultural xamânico indígena, julgando tais crenças como primitivas, sendo que este não corresponderia ao ideal evolucionista da doutrina espírita.

Palavras-chave: Espiritismo, xamanismo, literatura, religião.

Resumén

Este artículo pretende discutir las hipótesis de que el Espiritismo cargue dentro de su cuerpo doctrinal/literario varios elementos chamánicos, para esto se observa la historia de la formación del Espiritismo en el siglo XIX y su literatura específica posterior, ya en el Brasil del siglo XX de autoría de uno de los principales místicos de esta doctrina, Chico Xavier. Se aborda principalmente la cosmología espírita en comparación con las cosmologías indígenas de América del Sur. Varios elementos chamánicos en común fueron detectados y se notó un fuerte discurso espírita de alejamiento del contexto cultural chamánico indígena, juzgando tales creencias como primitivas, siendo que éste no correspondería al ideal evolucionista de la doctrina espírita.

Palavras-chave: Espiritismo, chamanismo, literatura, religión.

Introdução

Com a leitura da obra *Nosso Lar*, um livro brasileiro e espírita, escrito pelo famoso médium Chico Xavier em meados do século XX, notou-se uma semelhança da jornada do espírito narrador André Luiz, com algumas narrativas de viagens espirituais pós-morte ou em êxtase/transe semelhante à de alguns relatos xamânicos de grupos indígenas da América do Sul. Esta inquietação levou a uma revisão bibliográfica de alguns relatos etnográficos, com isto a formulação de uma hipótese. O Espiritismo possui elementos xamânicos em sua doutrina? Se sim, como isto é encarado pelos espíritas? É um fenômeno recente e brasileiro ou a base francesa da doutrina também possui tais elementos?

¹ Mestre em Ciências da Religião (UEPA); especialista em História Contemporânea (FIBRA); licenciado em História (FIBRA).

Estas duas perguntas são complexas, mas não se deseja exauri-las, apenas começar uma reflexão fazendo alguns paralelos entre as cosmologias indígenas e a espírita no campo das viagens espirituais pós-morte ou voo mágico, para apenas se começar a tatear tal discussão. Serão abordados os livros básicos da doutrina espírita e sua popular literatura brasileira que apresenta descrições sobre o mundo espiritual, além de duas obras especiais que demonstram ilustrações desse mundo espiritual espírita. Trabalhar-se-á com relatos etnográficos ameríndios que tragam semelhanças com a cosmologia espírita, principalmente aqueles que apresentam ilustrações também, ou seja, teremos algumas abordagens de interpretação iconográfica também. Além do trato dos xamãs e espíritas com os espíritos humanos, animais e com os processos de cura e doença espiritual.

Uma breve introdução ao xamanismo

A palavra *xamã*, sendo um termo genérico, tem sua origem nos grupos Tungus (ou Evenkis) da Sibéria e chegou as Américas no processo migratório dos povos asiáticos através da Beríngia. O xamã seria o portador ou receptor de habilidades de cura, premonição, metamorfose, comunicação com os mortos e agenciamento entre planos cosmológicos, além de portador de saberes tradicionais como, ser o guardião da memória de seu povo, guardião de cânticos, responsável por cerimônias e rituais. Porém o que o diferencia de categorias como *medicine-man*, curadores, feiticeiros ou magos é a habilidade do êxtase ou do *voo mágico*, quando este especialista deixa o corpo em forma de espírito, podendo se deslocar em outros mundos e se comunicar com outros espíritos (humanos, animais ou outras categorias de entidades), onde o xamã pode dominar ou ser dominado por entidades de diversas espécies diferentes, inclusive se tornar uma destas (ELIADE, 2002, p. 15-17; VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 357). O pesquisador Mircea Eliade, em sua obra *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase* (2002), abordou várias formas de práticas xamânicas na Sibéria, Mongólia, China, Japão, Austrália e vários arquipélagos da Oceania, dialogando com pesquisas de campo de Malinowski, Lévy-Strauss e Radcliffe Brown, por exemplo, mas gostaríamos de focar aqui nas práticas relativas a América do Sul.

Os xamãs precisam passar por treinamentos e iniciações diversas que incluem mortes simbólicas em rituais com provações físicas, aprender a ver espíritos em sonhos ou em estado de vigília, habilidade esta que é condição primordial para a comprovação da obtenção de poderes mágicos xamânicos (ELIADE, 2002, p. 104). Outra habilidade adquirida é o voo

extático ou voo mágico xamânico ao mundo celeste nos céus, ao mundo dos mortos ou aos infernos. Entre os xamãs caraíbas da Guiana Holandesa, por exemplo, os neófitos ficam por volta de 24 dias isolados do grupo populacional em uma cabana na mata, apenas acompanhados de seu grupo e mestre-iniciador, recebem ensinamentos secretos, passam por restrições alimentares, consomem muito tabaco na forma de fumo, suco e folhas, passam pimenta nos olhos para poderem ter visões e subirem em uma escada que os leva para as dimensões celestes, passando por regiões e cidades espirituais de outros indígenas e de homens brancos também (Ibidem, p.150 e 151).

É importante ressaltar que a descida a regiões intraterrenas, subterrâneas ou infernais para vários dos grupos tanto da Ásia, Oceania e Américas não são necessariamente regiões espirituais ou cosmológicas más, negativas ou demoníacas, geralmente representam hierofanias autóctones, com divisão entre deuses celestes e infernais como classificações cômodas em um panteão bipartido, não sendo obrigatoriamente que tais divindades subterrâneas sejam malignas, muitas vezes os xamãs descem aos infernos para resgatar a alma de um enfermo ou para achar a cura de uma doença (Ibidem, p. 212).

Os processos iniciáticos dos xamãs normalmente são cheios de provas físicas, restrições alimentares e aprendizagem de cânticos e conhecimentos medicinais, sendo que as práticas de cura entre os xamãs sul-americanos são intensas, utilizam tabaco, massagens e técnicas de sucção dos patógenos para fora do corpo dos enfermos, sendo que a causa da maioria das doenças tem origem espiritual e feitiçaria (ELIADE, 2002, p. 361; TAUSSING, 1993, p.421). Vários tratamentos medicinais xamânico tem por base o uso de uma bebida feita a partir de cipós, comumente conhecida como *Ayahuasca*, *Yagé* ou *Caapi*, que possuem efeitos alucinógenos.

Entre os Marúbo, grupo indígena da Amazônia brasileira, a Ayahuasca, depois de receber encantamentos é ingerida pelo xamã para purificar ou limpar o seu corpo e espírito, também é ingerida pelos doentes e pode ser passada na superfície do corpo destes como tratamento (MONTAGNER, 1996, p.86-87). Muitas doenças envolvem a presença de seres no corpo do doente como, *espíritos malevolentes da minhoca*, que podem se alojar dentro do estômago de uma pessoa ou *espírito malevolente do morcego*, entre outras entidades que causam uma infinidade de enfermidades (Ibidem, p. 70). Só o xamã pode lidar com estes seres, pois este

consegue localizar as doenças e extraí-las com o auxílio de espíritos da natureza ou dos mortos.

Os pássaros são recorrentes em narrativas xamânicas, principalmente quando os xamãs precisam vencer uma prova ou quando precisam viajar ao mundo espiritual procurando por conhecimento ou a resolução de algum problema ou doença, muitas vezes o xamã se transforma em pássaro também. Nas cosmologias amazônicas se destacam os gaviões e os urubus como habitantes do mundo celeste ou auxiliares dos pajés (termo utilizado no Brasil para xamãs indígenas) ou mesmo heróis míticos, como se pode constatar em narrativas do povo Dessana do Rio Negro (KEHÍRI, 1995, p.116-118).

Espiritismo

O fenômeno do espiritualismo moderno se deu no século XIX, alguns estabelecem o ano de 1848 como o início de tudo (DOYLE, 2008, p. 27), porém possui raízes anteriores a esta data. Um breve panorama pela história do Espiritismo e do espiritualismo moderno se faz necessário para o entendimento de muitos conceitos próprios dos fenômenos e termos utilizados extensamente na literatura espírita.

Emmanuel Swedenborg (1668-1772) foi um místico sueco, teólogo e cientista que alegava haver vida após a morte com base em visões e viagens espirituais fora do corpo. O sueco produziu um livro chamado *Céu e Inferno* em 1758, onde descreveu o mundo celestial e como Deus se propagava através dos anjos de várias formas diferentes, além de descrever o purgatório e o inferno.

Também descreveu um vapor aquoso que exalava de seu corpo, quando este estava em processo de transe, chamou tal substância de *ideoplasma*, também relatou que larvas eram materializadas a partir desse seu *ideoplasma*, pois os espíritos dos mortos ou entidades, como anjos, que o acompanhavam ou guiavam em sua viagem fora do corpo estariam descontentes com a má alimentação do místico.

Posteriormente isto foi entendido pelos espíritas e espiritualistas como o fenômeno mediúnico de efeito físico, uma exteriorização do *ectoplasma* (DOYLE, 2008, p. 29), substância que poderia tomar a forma que o pensamento ordenasse para efeitos de cura ou materialização de

espíritos e objetos. Os tratados filosóficos de Swedenborg foram tão tocantes para a sociedade europeia da época que surgiu a chamada Nova Igreja, fundada por seus seguidores.

Outro movimento que influenciou fortemente a formação do espiritismo moderno foi o *Mesmerismo*, uma doutrina terapêutica elaborada por Franz Anton Mesmer (1734-1815), um médico alemão que alegava existir um *fluido magnético universal* que poderia ser manipulado pelas pessoas através dos seus corpos, transformando esta energia em *fluido vital* e *fluido animal*, possibilitando através da imposição das mãos e do olhar curas e transe hipnóticos, pois alegava que o corpo humano era semelhante a um ímã, possuindo um campo magnético próprio.

Porém o estopim das manifestações espiritualistas ocorreu nos EUA, no caso das *Irmãs Fox* em 1848, em Rochester, Nova Iorque; quando as garotas receberam mensagens de pessoas mortas através de códigos para comunicação através de batidas nas paredes e nos móveis de sua casa, como combinações de resposta as perguntas feitas aos espíritos (GOODRICK-CLARKE, 2008, p. 186-187). Posteriormente esta prática se espalhou pelos salões de festas burgueses e ficou popularmente conhecido como o fenômeno das *mesas falantes* ou *mesas girantes*.

Houve várias tentativas de desenvolver discursos científicos para os fenômenos mediúnicos e polêmicas sobre charlatanismo e conflitos entre as diversas vertentes religiosas predominantemente cristãs, com os chamados médiuns, espíritas ou espiritualistas. Boa parte desses confrontos e discursos se propagaram em periódicos especializados como a revista espírita francesa fundada em 1858 por Allan Kardec, chamada de *La Revue Spirite: Journal D'Études Psychologiques*. Porém o francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec, se consagrou com os seus dois primeiros livros fundadores do Espiritismo, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* publicados em 1857 e 1861 (GIL, 2010, p. 208-210). Posteriormente Kardec publicou *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), e *A Gênese* (1868).

Allan Kardec possuía forte influência do pensamento positivista e uma cultura cristã. Passou a estudar os fenômenos espiritualistas através de um método comparativo de perguntas e respostas, formulou a doutrina com base nas respostas dos espíritos dadas através de médiuns, e claro, usando como eixo filosófico a sua formação cristã e aspectos da ciência da época.

Kardec nunca afirmou ser médium ou ter poderes especiais, apenas se identificou como um codificador.

No *Livro dos Espíritos* se diz que a *alma* é nada mais que o *espírito encarnado*, ou seja, quando este encarna num corpo físico a nomenclatura passa a ser *alma*, porém sem um corpo é apenas *espírito* (KARDEC, 1998, p.104). Ao mesmo tempo em que adverte a existência do *pré-espírito*, que seria um envoltório fluídico que conecta a *alma* ao corpo físico. Nota-se a influência dos conceitos de *fluido universal* e *fluido animal* do *Mesmerismo*.

As influências filosóficas de Kardec aparecem espalhadas pelas suas obras, no *Livro dos Espíritos*, no capítulo V (1998, p. 143), fala-se sobre a antiguidade da pluralidade das existências e na doutrina da *metempsicose* de Pitágoras, ou seja, que o espírito de um indivíduo se transporta para um novo corpo após a morte do antigo corpo físico. Dentro da visão dos gregos antigos, com base nos escritos platônicos, a alma no pós-morte pode aguardar o julgamento dos deuses, sendo que a justiça se fará de acordo com as virtudes cultivadas pelo indivíduo, que pode *transmigrar* para um novo corpo doente ou com limitações físicas, se este foi corrupto ou covarde em vida passada, ou pode mesmo transmigrar no corpo de um animal, entendendo que aqueles virtuosos alcançariam as *ilhas de bem aventurança*, assim como os heróis os *Campos Elíseos*. As crenças pitagóricas e órficas possuem forte influencia sobre as ideias apresentadas por Platão e posteriormente na noção de purgatório e inferno do cristianismo (LE GOFF, 1995, p.39 e 40). Uma noção de purgatório e geografia cosmológica será abordada mais a frente no artigo.

O Espiritismo diferencia-se de outras crenças em *ciclos reencarnatórios* como a platônica e a budista porque é evolucionista, no sentido progressista moderno, ou seja, depois de se encarnar num ser humano, este espírito não pode mais encarnar em um animal, pois isto seria regredir no processo evolutivo, pois para ser humano já dever-se-ia ter passado pelo estágio evolutivo mineral, vegetal e animal (KARDEC, 1998, p. 370-371). Portanto, como o Espiritismo se pensa como fruto da comunicação com os espíritos e os avanços das ciências modernas, os espíritas tentam buscar explicações positivistas, seguindo modelos racionalistas do século XIX de Auguste Comte, além de bases filosóficas pautadas na moral platônica e cristã, bases que também foram utilizadas em outros movimentos espiritualistas como a Sociedade Teosófica e outras (CASTRO, 2016, p. 85).

Sobre as faculdades paranormais, Kardec explicou no *Livro dos Médiuns* (KARDEC, 2003, p. 118-180) várias categorias mediúnicas, desde clarevidência (habilidade de ver os espíritos); psicofonia (quando um espírito usa o aparelho fonador do médium para se comunicar); biocorporiedade (habilidade de projetar-se em dois ou mais lugares simultaneamente); transfiguração (habilidade de modificar a forma e densidade do próprio corpo, seja do *pré-espírito* ou corpo físico); psicografia (famosa prática da escrita mediúnica); os médiuns de efeito físico (aqueles que podem mover objetos ou mesmo materializar espíritos) e médiuns sonambúlicos, que ao dormirem passam por um processo de desprendimento do corpo, chamado de *emancipação do espírito*, onde o indivíduo passa a contemplar o mundo espiritual ou dar espaço para outro espírito se comunicar através do corpo deste (Ibidem, p.248).

Mais a frente na mesma obra, Kardec expõem sobre pessoas com um dom específico, as chamando de “elétricas”, dizendo que esta faculdade independe da mediunidade, mas podendo se associar a ela em casos especiais, ou seja, um médium curador pode curar pessoas através de seu próprio *fluido magnético* movido por sua vontade ou pode evocar um espírito em seu auxílio, que potencializará o poder de cura do médium (Ibidem, p. 251):

Existe um trecho da obra que resume vários pontos a respeito das intenções e qualidades dos médiuns que são muito destacadas em todas as cinco obras do autor, mas este trecho resume bem a questão. Os seres invisíveis, que revelam sua presença por efeitos sensíveis, são, em geral, espíritos de ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral. A aquisição deste ascendente é o que se deve procurar. Para alcançá-lo, preciso é que o indivíduo passe do estado de médium natural ao de médium voluntário. (Kardec, 2003, p.239).

Desta forma, o autor deixa claro que todos os médiuns podem desenvolver suas habilidades com o devido treinamento, porém o mais importante para Kardec é o desenvolvimento moral, este determinará que tipo de espírito se manifestaria nas comunicações e como serão abordados, além do que a falta de uma vida moral é uma das principais causas de doenças dentro da proposta de saúde/doença da doutrina espírita (CAMURÇA, 2016, p. 233).

O Espiritismo de Allan Kardec chegou ao Brasil pelo Rio de Janeiro em 1860, através de imigrantes franceses ou jovens brasileiros que haviam ido estudar na França, se organizando numa estrutura mais sólida a partir da criação da Federação Espírita Brasileira (FEB) em 1884 (ARRIBAS, 2011, p.5-6). No Brasil o Espiritismo foi perseguido pela Igreja Católica e pela polícia como prática de feitiçaria e curandeirismo,

mesmo com certos membros do movimento tentando associar a doutrina ao catolicismo (VIDAL, 2014, p.12-13).

O Espiritismo francês já apresentava em sua origem afinidades com a homeopatia e dava certo destaque a assuntos médicos e mais especificamente psiquiátricos. A tese de Alexander Jabert (2008) apresenta muito bem como uma parte da comunidade médica brasileira se inspirava no Espiritismo pra discutir sobre “loucura” e vários outros tipos de enfermidades, o que trouxe destaque para os médicos da época em si. Um desses médicos que ganhou destaque no meio espírita brasileiro foi o cearense Adolfo Bezerra de Menezes Cavalcanti, conhecido popularmente como Bezerra de Menezes, que viveu durante o século XIX, se tornando em 1889, presidente da Federação Espírita Brasileira. Em 1890 a FEB organizou uma divisão chamada de *Serviço de Assistência aos Necessitados*, que possuía uma clínica com alguns médicos diplomados e *médiuns receitistas*, ou seja, se trabalhava neste local com curas físicas e espirituais, sendo que esta segunda se caracterizava por receitas medicamentosas ditadas por espíritos através dos médiuns (JABERT, 2008, p.163). Porém, devido à resistência de outros grupos de médicos, políticos e católicos, o Espiritismo entrou para o Código Penal da República em 1890, colocado dentro dos “crimes contra a saúde pública”, artigos 156, 157 e 158, enquadrados como prática ilegal da medicina, charlatanismo e curandeirismo (GIUMBELLI, 1997, p. 39). A imagem dos médicos profissionais espíritas passou a ganhar fortes proporções depois da morte de Bezerra de Menezes, pois este foi visto como um santo.

Posteriormente, outra pessoa classificada como santo ganharia destaque entre os espíritas, um médium chamado popularmente de Chico Xavier, este publicou em 1944 a obra mediúnica *Nosso Lar*, narrada pelo espírito André Luiz (pseudônimo do espírito), que foi um médico brasileiro quando em vivo (encarnado). Esta obra foi realizada através da modalidade mediúnica chamada psicografia e é o primeiro livro de uma coleção chamada *A vida no mundo espiritual*, composta por 13 livros. A narrativa é de caráter autobiográfico por parte do espírito que explana sobre o próprio processo de desencarne (morte) e um relato de como era a vida no mundo espiritual, mais especificamente no mundo espiritual que se localiza no Brasil. André Luiz descreve que o mundo dos espíritos possui várias camadas ou zonas onde transitam vários tipos de espíritos e descreve a cidade/colônia que passou a habitar, chamada de *Nosso Lar*, localizada acima da cidade do Rio de Janeiro. O livro é o maior *best-seller* espírita que se tem notícia (SOARES, 2015, p.3).

Desta forma, Bezerra de Menezes, André Luiz e outros espíritos e personalidades que foram da área da saúde passam a ganhar destaque no cenário brasileiro como curadores e entidades de elevada envergadura moral, sendo normalmente nomeados como espíritos de luz ou iluminados. Este fenômeno se expande até formarem cultos aos espíritos de médicos, muitos nem se quer foram espíritas, como é o caso do culto ao Dr. Camilo Salgado em um cemitério da cidade de Belém do Pará, juntamente com outros médicos da região já falecidos (COSTA, 2010, p. 50), cultuados tanto por espíritas quanto católicos.

Outros espíritos médicos são até estrangeiros, como é o caso do Dr. Fritz, que teria sua última encarnação na Alemanha da passagem do século XIX para o XX, e o Dr. Frederick Von Stein, que foi um médico nazista que depois de morto procurou redimir seus pecados ajudando doentes numa casa ecumênica de ajuda aos necessitados chamada *Lar Frei Luiz* no Rio de Janeiro por volta dos anos 1970 (LIMA, 2013, p.103). O espírito do Dr. Von Stein passou de sofredor a benfeitor (na linguagem espírita) tendo até que aprender a falar português para facilitar a comunicação. Há também o caso do espírito de uma enfermeira alemã chamada de Irmã Sheyla, que faleceu durante a Segunda Guerra Mundial (CUMMING, 2008, p.166).

Um médium de cura brasileiro internacionalmente famoso é conhecido como João de Deus, que dirige um centro de atendimento espiritual chamado *Casa Dom Inácio de Loyola* no Estado de Goiás. Esse médium se identifica como católico, mas suas práticas são nitidamente espíritas, ao se descobrir médium estabeleceu a própria missão de vida em ser instrumento dos espíritos de luz ou benfeitores, para ajudar as pessoas enfermas de todo o mundo. Muitos dos seus guias espirituais são médicos como Dr. Augusto de Almeida, Dr. Oswaldo Cruz, Dr. José Valdivino, Irmã Sheyla e até mesmo André Luiz, companheiro espiritual de Chico Xavier (Ibidem, p.163-165).

Os processos de cura vão desde *passe*s (transmissão de fluidos através da imposição das mãos, com base no *mesmerismo* abordado anteriormente); *água fluidificada* (água energizada por um espírito ou médium, própria para se consumir como forma de tratamento); receitas medicamentosas ditadas pelos espíritos e até cirurgias espirituais com processos de materialização dos espíritos médicos ou das próprias doenças.

Muitas dessas cirurgias espirituais procuram curar vários tipos de doenças complexas, principalmente câncer, onde muitas vezes em demonstrações públicas, esses tumores são

retirados dos corpos dos enfermos com as mãos ou instrumentos cirúrgicos (geralmente tesouras e bisturis), conservados em formol e acondicionados na própria instituição de assistência espiritual (LIMA, 2013, p. 116). Esses espíritos e seus respectivos médiuns normalmente recomendam que os pacientes continuem o tratamento médico tradicional, pois o intuito é que as duas medicinas trabalhem juntas (Ibidem, p.130).

A prática de materialização de objetos e de espíritos é muito comum neste contexto, diz-se que é para reforçar a fé dos participantes no seu próprio processo de cura. Outra explicação está na habilidade desses médiuns expelirem o famoso *ectoplasma*, já apresentado anteriormente baseado na ideia do *ideoplasma*, que é fundamental para que os espíritos manipulem os *fluidos magnéticos* e os tornem materialmente mais densos, potencializando os efeitos curativos. Algumas cirurgias envolvem instrumentos como bisturis e facas de cozinha, colheres e algodão, muitas vezes os pacientes são realmente cortados, mas alegam não sentir dores (ALMEIDA et. all., 2000, p.196).

Nota-se como as práticas de cura são valorizadas dentro do universo espírita, praticas estas sempre associadas as relações entre médiuns e espíritos, também é interessante notar como o Espiritismo brasileiro possui uma cosmologia própria, cheia de personalidades. Nos próximos tópicos vamos entender as intersessões entre o Espiritismo brasileiro e as práticas xamânicas indígenas, principalmente no que diz respeito as práticas de cura, comunicação com os mortos e camadas cosmológicas no mundo espiritual associadas com as viagens espirituais de médiuns e xamãs (pajés).

Xamanismo e Espiritismo

Vários elementos xamânicos estão espalhados por diversas religiões do mundo, isto não quer dizer que todas sejam tradicionalmente xamânicas, mas possuem elementos deste, principalmente as místicas, por possuírem habilidades de transe ou êxtase, crenças em mundos espirituais e a possível comunicação com esses mundos. A habilidade de ver espíritos dos mortos, nata ou desenvolvida por treinamento, possuem grandes afinidades com as habilidades próprias de um xamã (ELIADE, 2002, p. 104), e isto é a base fundamental do Espiritismo, a comunicação com o mundo dos mortos através de transes (KARDEC, 1998, p. 235).

Os intelectuais espíritas entendem que a doutrina possui fortes relações com a antiga cultura celta, pois estes teriam a crença nas reencarnações e no mundo dos espíritos. Tudo começou com a comunicação de um espírito chamado Zéfiro que disse ter conhecido o fundador do espiritismo em vidas passadas na Gália e que este foi um druida. O pseudônimo de Rivail, Allan Kardec, surgiu disso, este era seu nome quando em vida passada foi um druida. Existem dois livros que se aprofundam em tal questão, *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível* do francês Léon Denis, um importante pensador espírita, publicado postumamente em 1927, e *Allan Kardec: o druida reencarnado* do brasileiro Eduardo Carvalho Monteiro, publicado em 1996.

Mesmo sabendo que até hoje poucas são as fontes para se estudar os druidas (LUPI, 2004, p. 75) as relações com o espiritismo feitas pelos próprios espíritas vão desde as composições tríades, ciclos de reencarnação a comunicação com os mortos. Eduardo Monteiro estabelece várias analogias entre os símbolos e mitos celtas com os princípios da doutrina espírita, principalmente quando destaca o suposto entendimento dos antigos druidas sobre as causas mentais das enfermidades físicas, que estes tratavam com ervas medicinais, energias espirituais e com melhoramento da psique dos enfermos para restaurar o equilíbrio total do ser enfermo. Eduardo Monteiro também faz fortes ataques à medicina tradicional ocidental a classificando de materialista, fixada nas descobertas tecnológicas, e pelos profissionais da saúde pouco se importarem com os princípios espirituais (2003, p. 138-142).

Esse discurso se torna contraditório se notarmos o grande esforço empreendido pelos intelectuais espíritas, desde seu fundador, em afastar a doutrina de práticas *primitivas* e se pautar na ciência e racionalidade moderna (KARDEC, 1998, p. 277-279), acreditando que as práticas tradicionais de cura são pautadas em ignorância e crendices, não tendo base racional e científica, portanto são *primitivas*, crendices de povos *bárbaros*, partindo do ideal de civilidade ocidental (CASTRO, 2017, p.75-80). Uma dessas marcas é a aproximação dos espíritos curadores com a imagem dos profissionais da saúde, que sempre estão de branco em roupas ocidentais, que utilizam de instrumentos cirúrgicos e receitam até cápsulas medicamentosas para os seus pacientes, sem falar no linguajar médico, como se pode notar nas narrativas do espírito André Luiz através das psicografias do médium brasileiro Chico Xavier. Porém entende-se que o movimento espírita não é homogêneo, possuindo fortes divergências doutrinárias, onde alguns grupos discordam do conteúdo das obras de Chico Xavier, estes espíritas se pautam estritamente nas obras básicas de Allan Kardec, alegando

que o espiritismo brasileiro é muito religioso, longe dos princípios racionais do “real espiritismo” (VIDAL, 2014, p. 33-35).

Na *Revista Espírita* de 1859 (p.208) foram apresentados alguns trechos da carta de um assinante da revista, que se encontrava no Peru e dizia ter lido *O Livro dos Espíritos*, ficando muito impressionado ao fazer a comparação da doutrina com o testemunho da compreensão sobre a comunicação com espíritos entre os indígenas daquela região que vivia, ou seja, crenças em mundos espirituais e a comunicação com os mortos. Portanto vemos que mesmo no século XIX pessoas já identificavam algumas relações entre as práticas espíritas com práticas religiosas xamânicas indígenas, mas parece que os espíritas não desejam tais comparações para além das suas influências greco-romanas e célticas. A cosmologia espírita pode apresentar mais pistas dessas relações entre sua doutrina com o xamanismo, mesmo que involuntariamente.

No Espiritismo do século XIX não havia obra que descrevesse com clareza o mundo espiritual, Kardec apenas afirmava que os espíritos viviam no espaço que existia no planeta Terra, e na obra *O Céu e o Inferno*, discutiu as concepções religiosas do cristianismo e postulou, seguindo a linha de Swedenborg, que não há anjos e demônios, sim espíritos bem aventurados ou sofredores e ignorantes que se diferenciavam pelas suas escolhas e nível evolutivo, além de alegar a não existência de penas eternas. Mas podemos destacar algumas coisas anteriores a Kardec e Swedenborg.

O historiador medievalista francês Jacques Le Goff produziu uma obra muito interessante chamada *O Nascimento do Purgatório* (1995), que historiciza toda a construção das mentalidades cristãs medievais ocidentais, pautadas nos mitos babilônicos, egípcios, gregos, romanos e judaicos que auxiliaram na construção da cosmologia cristã com suas noções de céu, purgatório e inferno, principalmente no que nos diz respeito neste trabalho, a espacialidade do purgatório e do inferno, como a noção de lugar e forma de distribuição dos elementos míticos no espaço, que influenciou a construção das chamadas *zonas umbralinas* do Espiritismo moderno, que são áreas onde se concentram espíritos sofredores que ainda não alcançaram o esclarecimento.

Sabe-se que vários heróis míticos, reis e semideuses tiveram que descer aos infernos ou tiveram jornadas tortuosas em mundos subterrâneos e hostis como, Ur-Nammu; Gilgamesh;

Ulisses; Orfeu; Perseu; Hércules; Jesus Cristo, Eneias e Dante, entre muitos outros. Para os assírios o inferno era *arallû*; para os hebreus era *shéol*; para os gregos era *Hades* e especificamente o *Tártaro*; no Antigo Testamento o livro de Job destaca muito os infernos, portanto há muito em comum entre estes personagens e submundos que influenciaram a construção do inferno e purgatório cristão, sempre como lugar de dor, gritos, ranger de dentes e lamentações, com muito fogo e calor, ou muito frio e escuro (LE GOFF, 1995, p.44).

Eneida de Virgílio, escrita por volta do século I a.C. é um destaque no que diz respeito a construção da espacialidade do inferno, uma descida por *vestíbulos*, os campos dos mortos sem sepulturas, o *Rio Estige*, os campos de prantos e pradarias antes da bifurcação que leva ao *Tártaro* e aos *Campos Elíseos*, e mais além o bosque sagrado onde tem o rio do esquecimento, *Letes* (Ibidem, p. 41).

Acredito que daqui podemos pular para a obra do italiano Dante de Alighieri, *A Divina Comédia*, escrita no século XIV, onde Dante caminhou com o poeta romano Virgílio pelo inferno, purgatório e paraíso das concepções cristãs medievais. Dante divide o outro mundo em várias camadas, 27 no total, que formam uma esfera armilar, que vão do centro da Terra até as estrelas. As camadas do inferno possuem paisagens grotescas e almas sofredoras castigadas por seres mitológicos, o purgatório seria local de sofrimento mais brando ou local dos sete pecados capitais, o paraíso é descrito como luminoso e que Deus é rodeado por anjos e outros seres bem aventurados, no paraíso Dante foi acompanhado por Beatriz, pois Virgílio não possuía acesso a esta esfera por ter sido pagão. Destacamos a obra de Dante aqui por esta ter sido pedra fundamental na composição das obras místicas posteriores, como a de Swedenborg e Chico Xavier.

Mas outro espírita havia feito uma descrição do mundo espiritual antes de Chico Xavier, este foi o inglês George Vale Owen (1869-1931), que escreveu *Life Beyond The Veil* ou *A Vida Além do Véu* em português. Neste escrito George Owen tem visões e descrições do mundo espiritual dadas pelo espírito de sua mãe e alguns benfeitores como o espírito chamado *Ariel*. São descrições de colônias espirituais, lugar onde existem casas, lagos, prédios rodeados por jardins, torres, castelos, animais (principalmente aves), pessoas andando a cavalo ou em carruagens, colégios onde se desenvolve música e outros estudos, no centro da colônia há uma cúpula que muda de cor, além de separar os mundos em esferas ou camadas. Nas camadas superiores (se afastando da superfície terrestre) viveriam espíritos mais evoluídos moralmente

(VALE OWEN, 2010, p.31-36). Em outras passagens fala um pouco sobre o papel de alguns anjos e sobre as esferas inferiores, que chama de trevas, locais de sofrimento e espíritos ignorantes (Ibidem, p. 55-57 e 204).

Em *Nosso Lar* (1995, p. 245), psicografado por Chico Xavier, narrado pelo espírito André Luiz, este divide o mundo em camadas ou esferas espirituais, chama o mundo intraterreno ou no fundo dos mares de *trevas*, locais similares ao que se entende por inferno. Chama a região da superfície do planeta Terra de *Crosta* e as zonas logo acima de *Umbral*, um local de espíritos sofrendores e viciados, quando faleceu (desencarnou) o próprio André Luiz ficou em tais *zonas umbralinas* por muitos anos, depois de muito rogar a Deus foi socorrido por espíritos habitantes da colônia espiritual *Nosso Lar*, foi levado até lá para ser tratado de suas feridas e de sua psique perturbada pela dor da morte e vícios humanos.

A colônia é descrita como um belo lugar, com uma urbanização planejada, possuindo muitos prédios, torres, jardins e lagos, espantosamente similar a obra de Vale Owen, além de várias áreas com prédios similares a hospitais. A colônia é local transitório no processo evolutivo dos espíritos, ainda está dentro do *Umbral*, porém em um limiar próximo as esferas superiores, zonas estas onde habitam espíritos mais elevados moralmente e intelectualmente. Nas outras camadas superiores estão espíritos responsáveis pelo destino do planeta Terra e seus habitantes, mais acima está o espaço sideral, onde só espíritos muito desenvolvidos podem transitar para colônias extraterrestres.

Assim como William Blake e Paul Gustave Doré produziram ilustrações da narrativa mística de Dante no inferno, purgatório e paraíso, no Brasil uma senhora chamada Heigorina Cunha produziu ilustrações da colônia espiritual *Nosso Lar* (figura 01), baseada nas obras de Chico Xavier, em visões próprias e em conversas com o próprio Chico e seus mentores espirituais. Nas ilustrações ficam claras as divisões de camadas que o mundo espiritual possui, muito similar as descrições de Dante e Vale Owen. Além da paisagem e urbanização da colônia *Nosso Lar*, que muito se parece com as cidades planejadas terrenas, comuns a todos nós humanos.

Figura 01: O mundo espiritual em camadas e suas cidades na concepção espírita. Nosso Lar está localizado pela estrela.



Fonte: XAVIER, CUNHA, 1984, p. 74 e 80.

O mundo dividido em camadas também existe em cosmologias de várias culturas (ELIADE, 2002, p.155) e em grupos indígenas brasileiros como os Marúbo (Figura 02), estes entendem que cada camada possui natureza diferente, só o xamã pode transitar entre todas ou na maioria delas (MONTAGNER, 1996, p.21). Um desenho de um dos interlocutores da antropóloga Montagner, João Pajé, apresenta estas camadas, possuem malocas, plantações, rios e animais (principalmente pássaros). Em algumas camadas vivem espíritos curadores e cantores chamados *espíritos benfazejos*, que normalmente incorporam nos xamãs durante os ritos. Em outras camadas chamadas de *Céu da Fumaça* ou *Terra da Fumaça* encontram-se vários espíritos malévolos que causam doenças (Ibidem, p.25-26), coisa que lembra muito o *Umbral* ou as *Esferas Inferiores* descritas nas obras espíritas, sendo lugar de espíritos errantes, sofredores e viciados, muitos destes com diversas doenças e deformidades. Em outras tradições xamânicas existem várias descrições das descidas aos infernos que muitos xamãs e profetas fazem (ELIADE, 2002, p. 207), pode-se visualizar na imagem abaixo as camadas das zonas espirituais sobrepostas e uma região subterrânea também, além da paisagem e urbanização típica dos grupos indígenas, com grandes casas e estradas nas aldeias.

Figura 02: O primeiro se trata de um desenho Marúbo que representa o corpo do xamã ao mesmo tempo o cosmos, com a grande maloca como centro do corpo/cosmos. O segundo se trata de um desenho representando as camadas cósmicas Marúbo.



Fonte: MONTAGNER, 1996, p.66. CESARINO, 2008, p. 221.

Já no espiritismo, um trecho de *A Vida Além do Véu* de Vale Owen se destaca aqui, onde um dos espíritos informantes de Owen lhe conta que os pássaros se apresentam em grandes números no mundo espiritual e que muitas vezes eles são usados como pombos correio, transmitindo mensagens entre as colônias. Além de contar um episódio onde um desses pássaros desceu a esfera terrestre e quase foi morto por um caçador, ao voltar para a esfera espiritual conversou com seus amigos pássaros que não acreditaram na sua narrativa, pois estes não conseguiam conceber sentimentos assassinos (VALE OWEN, 2010, p. 37).

André Luiz apresenta a explicação do uso de alguns animais na colônia espiritual Nosso Lar, os cães, que organizados em matilhas auxiliam os espíritos da colônia que acolhem outros espíritos que estão em territórios trevosos, e os muare que puxam carruagens e transportam grandes cargas. Há também a participação de grandes pássaros (*íbis viajores*) nessas empreitadas de resgate de espíritos, pois aqueles se alimentam das energias ruins expelidas pelos espíritos perniciosos que se espalham pela atmosfera dessas zonas, e que estes pássaros muitas vezes entram em conflitos diretos com outros seres animais (XAVIER, 1944, p.184).

Já na obra *Libertação*, André Luiz através do médium Chico Xavier apresenta outros pássaros em *zonas umbralinas*, só que estes são horripilantes, habitantes de florestas com vegetação aterrorizante, onde vivem também pigmeus, animais monstruosos e outros tipos de seres em estágio evolutivo inferior ao humano, e o próprio narrador, André Luiz, faz comparação de tal paisagem à descrita pelo poeta Dante em *A Divina Comédia* (XAVIER, 1949, p.52-60).

Os espíritos de animais não podem ser evocados segundo Allan Kardec, pois estes ao desencarnarem, logo são acolhidos por espíritos humanos ou superiores, não há espíritos de animais errantes na dimensão além-morte (KARDEC, 2003, p. 430). Com isto, nota-se uma discordância entre a codificação de Kardec com a narrativa de Chico Xavier, pois este aponta vários animais tanto no *Umbral* quanto nas colônias espirituais que não estão sob a tutela de espíritos humanos.

Como exposto anteriormente, nas práticas xamânicas de vários lugares do globo terrestre os animais possuem participação constante, principalmente os pássaros e os de montaria como, cavalos e cervos (ELIADE, 2011, p.76). Os xamãs podem solicitar a ajuda desses animais-espíritos para curas ou transporte, ou ele mesmo pode se tornar um animal (ELIADE, 2002, p.107-108).

Na obra espírita *Imagens do Além*, existe a ilustração de uma nave para viagens espaciais que possui formato idêntico a de um pássaro, assim como em *Nosso Lar* os espíritos se transportam por um veículo chamado *aerobus*, que possui semelhança a um ônibus, porém levita no ar. Isso mostra mais uma vez o distanciamento que o Espiritismo procura fazer de conceitos xamânicos tradicionais, como fica claro na troca de carruagens ou cavalos por ônibus e de pássaros por naves, mesmo permanecendo a referência a estes animais. Também há o discurso de que os animais que existem no mundo espiritual são subordinados aos espíritos humanos, como animais domésticos ou de adestramento para auxílio no trabalho, diferentemente da perspectiva ameríndia que categoriza a si mesmo como mais uma espécie animal na natureza.

Existem outras classes de seres sobrenaturais que entram em contato com os xamãs, seres que normalmente fazem parte da cosmologia de cada cultura específica, no Espiritismo existem espíritos ligados aos fenômenos naturais como tempestades e abalos sísmicos, que podem comandar outros espíritos ou servir entidades superiores na cadeia evolutiva, cada um com

suas atribuições (KARDEC, 1998, p. 272-273). Em *Nosso Lar*, a existência de tais espíritos é confirmada por André Luiz, que em determinado momento observou Narcisa, uma habitante da colônia, chamar por entidades nunca antes vistas por André, com uma linguagem estranha, para auxiliarem em um tratamento medicinal, assim surgiram oito entidades que trabalham especificamente com vegetais, indicando os locais onde se encontravam mangueiras e eucaliptos, Narcisa manipulou as energias que emanavam de tais vegetais para aplicar tais substâncias no corpo de um enfermo encarnado que melhorou com o tratamento (XAVIER, 1944, p. 279). Na obra *Libertação*, entidades não humanas também são dominadas por espíritos humanos perversos, para fins maldosos nas *zonas umbralinas* observadas por André Luiz (XAVIER, 1949, p. 60).

Com isto ficou mais claro o quanto as construções cosmológicas do período histórico clássico influenciaram a cosmologia espírita, com bases em Virgílio, no Antigo Testamento e em Dante, sendo que a espacialidade e qualidades das camadas cósmicas casam muito bem com as concepções míticas ameríndias, além da comunicação com os mortos como processo de práticas de cura e esclarecimento sobre a vida no mundo espiritual, interseções de habilidades de médiuns espíritas e xamãs ou pajés.

Considerações finais

Não se está dizendo aqui que xamanismo ameríndio e Espiritismo são a mesma coisa, se diz que é inegável que o Espiritismo carrega em si muitos elementos xamânicos, a doutrina apresenta em suas bases evolucionistas, um afastamento das culturas e de práticas religiosas consideradas por estes como *primitivas*, normalmente associadas aos ameríndios, aborígenes australianos e negros africanos, como Renato Ortiz demonstrou no afastamento de espíritos de índios e negros das reuniões espíritas, surgindo assim a formação da Umbanda, que carregou consigo todo um panteão de entidades rejeitadas entre os espíritas (ORTIZ, 1999, p. 42).

No Espiritismo brasileiro as práticas de cura com as mãos, a evocação dos mortos e a visão ou viagem aos mundos espirituais se apresentam com explicações positivistas, se afastando da ideia de práticas místicas, ao menos no campo discursivo literário. O momento em que a mística religiosa aparece de forma mais declarada é na utilização das preces católicas para chamar os espíritos benfeitores ou para curar alguém, que também são expressas na própria literatura espírita com a constante manifestação de espíritos de padres, freiras, santos católicos

como São Francisco de Assis e até o próprio Jesus Cristo, personalidades recorrentes na literatura de Chico Xavier e Divaldo Franco.

A modernização ou cientifização fica muito visível nos processos de curas espíritas, enquanto os espíritos guias são médicos e enfermeiras que se apresentam uniformizados, portando instrumentos cirúrgicos e se utilizando de vocabulário científico, os xamãs em seus trabalhos de cura incorporam espíritos de animais ou até plantas, usam instrumentos artesanais, utilizam linguagens secretas e cânticos, além de substâncias alucinógenas. Mesmo com os discursos evolucionistas e modernizantes, o Espiritismo ainda guarda elementos xamânicos e práticas que também se cruzam com elementos místicos do catolicismo popular, mas ainda são necessárias mais pesquisas para avaliar com mais profundidade esses diversos elementos religiosos que se misturam nas práticas e que estabelecem fronteiras mais claras nos discursos literários aqui no Brasil desde o século XIX. Como foi apontado na introdução, aqui estão alguns dados, fontes literárias e iconográficas que ajudam a iniciarmos o debate sobre a temática que por si só já é complexa, se tratando de aspectos de fronteiras e interseções religiosas.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, A. M. et al. Cirurgia espiritual: uma investigação. Ver. Ass. Med. Brasil 2000; 46(3): 194-200.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: Tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. PLURA, Revista de Estudos de Religião, vol. 7, nº 1, 2016, p. 230-251.

CASTRO, Luis Paulo dos Santos. A Origem das Raças pela Sociedade Teosófica: uma análise da literatura teosofista. Revista Diversidade Religiosa, João Pessoa, v. 6, n 1, 2016, p. 80-105. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/31411> Acesso: 20/12/2017.

_____. Eurocentrismo dos Clássicos em Estudos da Religião. Revista Labirinto, Ano XVII, vol. 26 (jan-Mar), 2017, p. 72-90. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/LABIRINTO/article/view/2124> Acesso em: 20/12/2017.